

FNC X

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*BERNARD DA COSTA CAMPOS — *Diretor*J. A. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Executivo*MAURO GUIMARÃES — *Diretor*FERNANDO PEDREIRA — *Redator Chefe*MARCOS SÁ CORREA — *Editor*FLÁVIO PINHEIRO — *Editor Assistente*

ANC

Democracia e Ideologia

Qualquer mentira, conforme sustentava Joseph Goebbels, se for convenientemente martelada através da propaganda, acabará entrando na cabeça das pessoas. Isto é, tornar-se-á verdade aparente. Em política é suficiente funcionar como se fosse verdade. Os estados autoritários não admitem outra verdade que não a oficial.

A Constituinte está demonstrando o alto grau de risco já atingido pelas teses da esquerda perante a opinião pública e nas comissões temáticas. São mais preconceitos do que conceitos, mais *slogans* do que teses. Atuam como palavras de ordem política, mas com verniz ideológico que confere aos seus porta-vozes a presunção de cientistas políticos ou de inteligências privilegiadas. Só eles conhecem aquela unidade que Goebbels propunha.

Acreditam-se uns ungidos pela clarividência que o marxismo confere. No fundo, são lugares-comuns da propaganda política neste século. Não passam de fanáticos em potencial. O grande repertório da esquerda brasileira é o nacionalismo, que traça uma divisória na sociedade, separando os brasileiros em duas categorias maniqueístas. Os *bons* brasileiros são os que defendem certas burrices e alguns interesses que a posição nacionalista disfarça. Por exclusão, passam a ser considerados *maus* brasileiros os que acreditam na competição econômica e os que consideram insuficientes os recursos nacionais para impulsionar as atividades econômicas.

A reserva de mercado mostra, no entanto, que o nacionalismo não é nem inocente e nem desinteressado. Trata-se de defender para os espertos alguns privilégios que os livrem da competição e, portanto, isentem de qualidade os produtos que fabricam e vendem, mais caro, aos consumidores.

Mas não é apenas atrás do nacionalismo que se escondem as posições da esquerda. A ideologia fisa outro tipo de cidadão à procura de iscas. A reforma agrária apanha incautos no asfalto urbano, com o engodo de que os proprietários guardam terras para especulação. A Constituinte está cheia de militantes que, obviamente, plantam palavras de ordem marxistas, mas nada têm a ver com o trabalho da terra. Durante a semana, os corredores e salas do edifício do Congresso em Brasília foram invadidos por uma horda desses profissionais da mobilização, como forma de pressionar deputados e senadores. Centenas deles ensaiaram com a maior liberdade, nos últimos dias, os cantos corais com que pretendem patrulhar as comissões temáticas em seu trabalho final.

Há uma visível coordenação dos grupos de pressão mobilizados pela esquerda para intimidar a

maioria da Constituinte. A técnica para acelerar a mobilização e aumentar a intensidade desses grupos é exatamente a de criar o clima de que a *direita* está em plena atividade e que os conservadores são maioria na Constituinte. Os fanáticos desabam em Brasília para o que der e vier.

A consciência democrática brasileira não chegou a se dar conta da escala pré-fascista assumida por esse patrulhamento. Mas os constituintes já sentiram nas costas o peso dessa carga ideológica que está sendo despejada nas sessões das comissões, como ensaio final para a votação no plenário, mais adiante. No momento em que a maioria percebeu a manobra sectária que ensaia as demonstrações de intolerância, a situação começou a inverter-se promissora. Já mudou a correlação de força.

Os democratas perderam o constrangimento de se ver chamados publicamente de *direitistas*. Na visão ideológica da esquerda, quem não está com ela está contra ela: é, portanto, um *direitista*. Quem não endossa a farsa dessas propostas inócuas ou interesseiras, como reserva de mercado, é estigmatizado de conservador. O tiro está saindo pela culatra. Os democratas estão se emancipando dessa tirania que procurou intimidá-los para arrancar-lhes o voto e, com isso, trair o eleitor que votou para que os eleitos fizessem uma constituição democrática e não um regime intolerante de esquerda.

Cada um desses democratas que integram a maioria silenciada pelo patrulhamento de esquerda está habilitado a fazer ato de presença para ter a oportunidade de votar. E votar contra esse festival de ignorância econômica e má fé política, que a credulidade ideológica não absolve.

O Brasil já teve algumas oportunidades de construir um regime democrático. Não aproveitou as melhores, porque os políticos fizeram concessões perigosas ao contrabando que se valeu do prestígio das idéias liberais para entrar em circulação. Agora não há mais condições para esse tipo de erro. Cada voto democrata é precioso para que os possuídos de ideologia se sintam definitivamente repelidos pela vontade majoritária dos brasileiros. É incrível que tão poucos se apresentem como candidatos de esquerda nas eleições e surjam depois como se tivessem sido eleitos para fazer uma constituição puxada à esquerda. Essa inautenticidade é uma fraude. Os brasileiros elegeram democratas porque desejam uma constituição sem preconceitos, e defendida contra os perigos das escamoteações ideológicas e políticas.

A maioria silenciada cabe dizer não às propostas de esquerda e garantir a vitória de tudo que seja capaz de ensejar democracia. Democracia, e não ideologia.